



PAI JOÃO DE ANGOLA PELO MEDIUM
WANDERLEY OLIVEIRA

ABRAÇO DE
PAI JOÃO



ABRAÇO DE PAI JOÃO

Copyright © 2015 by Wanderley Oliveira

1ª Edição | fevereiro de 2015 | do 1º ao 10º milheiro

Dados Internacionais de Catalogação Pública

ANGOLA, Pai João (Espírito)

Abraço de Pai João.

Pai João de Angola (Espírito): psicografado por Wanderley Oliveira.

DUFAUX: Belo Horizonte, MG. 2015

224p. 16 x 23 cm

ISBN: 978-85-63365-61-3

1. Espiritismo 2. Psicografia

I. OLIVEIRA, Wanderley II. Título

CDU 133.3

Impresso no Brasil | Printed in Brazil | Presita en Brazilo

Editora Dufaux

R. Oscar Trompowski, 810 - Bairro Gutierrez
Belo Horizonte - MG - Brasil - CEP - 30441-123

Telefone: (31) 3347-1531

comercial@editoradufaux.com.br

www.editoradufaux.com.br



Conforme novo acordo ortográfico da língua portuguesa
ratificado em 2008.

Os direitos autorais desta obra foram cedidos pelo médium Wanderley Oliveira à Sociedade Espírita Ermance Dufaux (SEED). Todos os direitos reservados à Editora Dufaux. É proibida a sua reprodução parcial ou total através de qualquer forma, meio ou processo eletrônico, digital, fotocópia, microfilme, internet, cd-rom, dvd, dentre outros, sem prévia e expressa autorização da editora, nos termos da Lei 9.610/98 que regulamenta os direitos de autor e conexos.

ABRAÇO DE PAI JOÃO

PAI JOÃO DE ANGOLA PELO MÉDIUM
WANDERLEY OLIVEIRA



Dufaux
editora

SUMÁRIO

APRESENTAÇÃO
MARIA JOSÉ
DA COSTA 6

PREFÁCIO
ESPÍRITAS
DE BEM
COM A VIDA

ABERTURA
PALAVRAS
DE PRETO-VELHO
PAI JOÃO DE
ANGOLA 10

INÁCIO
FERREIRA 12

1 ESTADO DE
PERTURBAÇÃO
APÓS
A MORTE
FÍSICA 18

2 CARÊNCIA
AFETIVA,
UMA DOENÇA
EMOCIONAL
MILENAR
34

3 MACUMBA
PEGA?
52

4 HIERARQUIA
DE PODERES
NO MUNDO
ESPIRITUAL
74

5 DOENÇAS
CONTINUAM
NA VIDA
ESPIRITUAL
88

6 A FORÇA
TERAPÊUTICA
DA MATÉRIA
FÍSICA
98

7 RESPONDENDO
AOS MEUS
IRMÃOS DE
CAMINHADA
122

8 A RAIZ DA
CARÊNCIA
AFETIVA
142

9 A URGÊNCIA
DO
AUTOAMOR
168

ENCERRAMENTO
COMO
VENCER O CICLO
EMOCIONAL
VICIOSO DA
CARÊNCIA
AFETIVA
WANDERLEY
OLIVEIRA 208

10 ENCONTROS
AFETIVOS
PLANEJADOS
190

DOENÇAS
CONTINUAM
NA VIDA
ESPIRITUAL

5

“A perturbação que se segue à separação da alma e do corpo é do mesmo grau e da mesma duração para todos os Espíritos?

Não; depende da elevação de cada um. Aquele que já está purificado, se reconhece quase imediatamente, pois que se libertou da matéria antes que cessasse a vida do corpo, enquanto que o homem carnal, aquele cuja consciência ainda não está pura, guarda por muito mais tempo a impressão da matéria.”

O livro dos espíritos, questão 164.

D

irigimo-nos para o quarto de Hanna. No caminho, juntou-se à nossa equipe tia Glorinha, que veio atender nosso pedido e conversar com a sobrinha.

Chegando ao quarto vimos que ela estava com um aspecto bem melhor. Quando avistou a tia junto de nós ficou pálida, não acreditando no que via. Como se sumíssemos de sua visão, disse engasgada:

- Tia Glorinha! Mas...
- Deus a abençoe, Hanna.
- Mas... Estou tendo uma visão? O que significa isso? Não estou entendendo!
- Sou eu mesma, minha sobrinha.

- Então eu...
- Sim, minha filha. Você fez a passagem. Esse lugar não é o Hospital Felício Rocho.

Nossos enfermeiros estavam atentos. Em situações como essa, ao tomar conhecimento de que já morreu, a pessoa pode ter as mais inusitadas reações.

Hanna estava sem voz. Não conseguiu pronunciar nem mais uma palavra. Todos nós ficamos em silêncio aguardando que ela ordenasse seus pensamentos confusos. Lágrimas começaram a rolar de seus olhos e vimos que a tia Glorinha estava igualmente emocionada.

- Você está na Casa da Piedade, minha querida, um posto de socorro do plano espiritual. Desencarnou durante a cirurgia. São passados três dias de seu desligamento.
- Tia Glorinha – disse aos prantos –, abrace-me pelo amor de Deus!

Olhamo-nos, Carminha, os enfermeiros e eu, sentindo-nos mais relaxados com o desabafo. Era como se já soubéssemos que o desfecho seria o melhor.

- Estou muito assustada, tia Glorinha. Abrace-me com muita força.

A tia Glorinha, um amor de pessoa, a acolheu com incondicional amor.

- Hanna, a vida chamou você para novos caminhos. Você começa aqui uma nova etapa – dizia acariciando os cabelos da sobrinha e secando suas lágrimas com um lenço.
- Tia Glorinha, o que vai ser de mim? Como estão meus filhos e meu marido? Eu nem me toquei que isso tinha acontecido. Como a morte pode ser assim?

- Todos estão bem, querida.
- E minha mãe?
- Todos já sabem e estão bem. Minha irmã é muito forte e inclusive já sabe que estou com você, através de informações mediúnicas que recebeu.
- Tia, por que logo agora, quando tentava me livrar de tantas culpas por meio do arrependimento?
- A hora de Deus é diferente da nossa, Hanna.
- Que dor eu sinto por dentro... – e pela primeira vez olhou para nossa equipe suplicando socorro – eu não sei se vou aguentar, Pai João!
- Hanna – falei enquanto a tia a acolhia –, temos muita esperança de que sua vida melhore e que suas experiências sejam muito mais ricas aqui. Você se livrou do tumor e isso é um ótimo indício.
- Indício de que, Pai João?
- De que você vai se sentir mais leve e revigorada e sua depressão vai se abrandar. Para isso é necessário a aceitação. Nada de revolta!
- Mas eu sinto um vazio que não sentia há muito tempo, apesar de realmente estar mais leve.
- Esse vazio é algo que você terá de superar com orientação e esforço. Você passará por tratamentos para que isso aconteça.
- De onde vem isso?
- Isso faz parte de sua jornada, minha filha. É a doença da carência.

- O senhor tem razão. Acho que fui mesmo uma mulher muito carente a vida inteira e, pelo que vejo, a morte não aniquilou essa sombra.
- Agora, porém, Hanna, além do amor dos que a querem bem, você não terá mais para quem transferir a responsabilidade de amar e vai aprender como preencher esse vazio.
- Pai João, estou me sentindo muito perdida. Sinceramente nem sei o que estou sentindo. Estou perdida, muito perdida. Tenho vontade de sumir.

E começou a chorar novamente.

- Isso é o seu vazio existencial, Hanna. Uma doença que pede socorro e tratamento muito bem orientado.
- Tenho a sensação de que o fígado está doendo novamente – falou aos prantos – Estou com muita vontade de beber, minha boca está seca e amarga.
- Vamos lhe dar um calmante. Você agora terá que se recompor e vai precisar do descanso.
- Pai João, só mais uma pergunta, posso? Pelo amor de Deus, me responda.
- Fale, filha.
- Raul, meu amante, está por aqui?
- Não, Hanna, não está. Depois falaremos mais sobre isso. Descanse!

Foi aplicado em Hanna um sedativo muito eficaz, com componentes similares aos antidepressivos, que a fez dormir rapidamente. Como sua mente estava muito confusa e

ansiosa, tivemos de mantê-la assim por algum tempo, para evitar um choque de perturbação mais grave. A reação de Hanna ao seu próprio desencarne foi melhor do que se esperava, embora inspirasse cuidados e algumas iniciativas que seriam levadas a efeito. O carinho de sua tia foi fundamental e o conhecimento que tinha do mundo espiritual, de alguma forma, a ajudou a localizar-se no tempo e no espaço.

Carminha e eu deixamos tia Glorinha e os enfermeiros cuidando de Hanna e fomos conversando pelos corredores.

- Pai João, por mais que veja esses casos todos os dias ainda me pergunto: como pode a pessoa ter esse choque de realidade, sendo que já morreu tantas vezes?
- A matéria impõe um esquecimento dessa realidade a tal ponto que o choque é proporcional à intensidade da rejeição a essa ideia.

Quantos casos você acompanhou aqui em que a pessoa não acredita que morreu mesmo vendo seus familiares que a antecederam. Hanna tinha conhecimento e isso ajudou muito.

- Mas não resolve, não é pai?
- Certamente que não. Veja o estado inicial dela, com forte sensação de perda de oportunidade. Isso ainda vai se intensificar muito. Embora mais leve, o quadro depressivo poderá ser inevitável e exige um acompanhamento cuidadoso.
- E muito antidepressivo! – falou Carminha com sua experiência.
- A vida continua e ela apenas vai continuar aqui o tratamento que já fazia no mundo físico. Além de se tratar,

vai precisar resolver a origem de suas pendências. Lá no *Livro dos espíritos* diz que a perturbação que se segue após o desencarne não é do mesmo grau e da mesma duração para todos os espíritos, mas que depende da elevação de cada um e que é mais demorada quanto menor for o progresso moral e mais rápida quanto mais purificado for espírito. Lembra-se, Carminha?

- Sim, me lembro.
- Muitos ainda nutrem dúvidas a esse respeito no mundo físico, mesmo sendo espíritas ou espiritualistas. Quando se diz que a vida continua, entenda-se que ela continua exatamente do mesmo jeito em que a deixamos na vida física, com os mesmo problemas íntimos e físicos a vencer.
- E como isso é verdade!
- Muitos irmãos do ideal espiritual ainda vivem a sua reencarnação como se fosse um vale de lágrimas e perdição que se extinguiria repentinamente com o desencarne.

Acreditam demasiadamente e de forma perigosa em um conceito onde a dor é a fonte única e desejável de libertação espiritual.

Esse conceito de sofrimento é algo que interessa a quem deseja implantar o mal na Terra. Essa não é a mensagem de Jesus que se resume na Boa Nova, ou seja, uma mensagem da alegria.

A reencarnação é uma escola cuja lição primordial é a de vencer suas próprias provas e delas sair com algum aprendizado. Muitos, porém, acreditam que sofrer é o melhor caminho para chegar aqui na vida espiritual com a alma lavada, de uma hora para a outra, e isso é um equívoco!

Ao contrário, aprender como vencer suas próprias dores estando ainda no plano físico é o passaporte para a paz interior. Paz que começa lá mesmo e se transpõe para esse lado da vida com quem a conquistou.

Há certa insensatez em se pensar dessa forma em relação à lei de causa e efeito, principalmente acerca das dores, como se sofrer trouxesse como efeito a elevação espiritual.

O que conduz a criatura à elevação é sua experiência de vida, sua capacidade de achar caminhos para superar o que a escraviza, sua bagagem de respostas conquistadas nas fontes da vivência.

- Pai João, que visão singela e ao mesmo tempo profunda. Como entender isso no caso de Hanna?
- Pelas informações que obtive, Hanna acreditou que a sua carência, sentida em forma de rejeição pelo marido, filhos e entes queridos, era uma prova do seu passado reencarnatório e nisso se acomodou, supondo que, ao desencarnar, se livraria dessa dor.
- E não se livrou, lamentavelmente. Mas poderia ser considerada uma prova do passado dela?
- Claro que sim. Para sofrer um nível de carência tão grave como o dela, inegavelmente temos que pensar em uma construção de comportamentos egoístas ao longo de várias vidas sucessivas.

Nesse aspecto, era uma prova do passado, mas aí está a diferença: uma prova do passado é para ser vencida com novas atitudes e não suportada dolorosamente sem achar as resposta e caminhos para superá-la.

Isso é que é o carma. Uma situação que se apresenta como um efeito em função de uma causa. Entretanto, a função do carma é devolver à pessoa o que lhe pertence. Não para que ela sofra com isso e sim para que ela aprenda a desenvolver as soluções com novos comportamentos, e nisso reside a grande diferença. Muita gente se acomoda na dor acreditando que sofrê-la é a solução. Nesse caso, a dor pode redundar apenas em adiamento de aprendizado e ampliação do sofrimento necessário. Carma, em outras palavras, é aprendizado e não um castigo. Ficou claro, Carminha?

- Mais que a luz do sol, pai querido! E, se eu entendi bem o assunto, Hanna ainda terá muitos desafios a vencer. Possivelmente mais que Irene, o senhor concorda?
- Muito provavelmente. Porém, Irene ainda está na matéria. Enxergou que errou e tem tempo na carne para se corrigir e, o mais importante, nutre uma profunda disposição para isso.

Hanna, igualmente, vai recomeçar sua caminhada aqui mesmo no mundo dos espíritos, para depois retomar o aprendizado na matéria, mas colhe o fruto amargo do adiamento de enfrentar suas lutas íntimas.

- O quadro dela tende a se agravar?
- A depressão, como disse, parece ser inevitável. Vai encontrar-se com aquilo de que fugiu a vida inteira: o vazio existencial, sua dor e sua carência. Ela própria terá de assumir a condição de operária de si mesma, construindo tijolo a tijolo a sua edificação de paz e harmonia.

Mesmo tendo sido descuidada em relação à sua necessidade afetiva, foi uma mulher do bem, não desejou o mal a ninguém. Por essa razão foi socorrida com muito

amor, recursos de amparo, acolhimento e bondade no instante de sua passagem para a vida espiritual.

Não se livrou, porém, de si mesma e de suas necessidades de amor e afeto. E o trabalho que Hanna vai começar aqui na vida dos espíritos, Irene já está começando no mundo físico com a orientação de sua terapeuta, a doutora Sandra. Mesmo sem conhecer o Espiritismo como Hanna, Irene avançará em direção a conquistas imperecíveis. Acreditamos em rumos muitos salutarés, no seu caso, sob as orientações da terapeuta e ainda haverá muitos desdobramentos nessa história.

— Que bom, Pai João!

7

RESPONDENDO
AOS MEUS
IRMÃOS DE
CAMINHADA

“Podem dois seres, que se conheceram e estimaram, encontrar-se noutra existência corporal e reconhecer-se? Reconhecer-se, não. Podem, porém, sentir-se atraídos um para o outro. E, frequentemente, diversa não é a causa de íntimas ligações fundadas em sincera afeição. Um do outro, dois seres se aproximam devido a circunstâncias aparentemente fortuitas, mas que na realidade resultam da atração de dois Espíritos, que se buscam reciprocamente por entre a multidão.”

O livro dos espíritos, questão 386.

Estava em meu quarto reunindo as várias perguntas a mim enviadas pelos amigos do mundo físico, que se utilizam das redes sociais¹ para o diálogo e a troca de experiências. Eram centenas de perguntas a serem examinadas. Antes, porém, de iniciar a atividade, minha mente voou em direção a algumas reflexões.

Pensava no assunto das dores humanas apresentadas pelos pacientes que foram atendidos naqueles dias. Todos tinham suas origens na carência afetiva.

Hanna entristeceu-se perante a vida e submeteu-se às ciladas emocionais, produzindo uma terrível doença agravada com o vício alcoólico e com a inconformação.

1 Essas perguntas, dirigidas ao autor espiritual, foram feitas através das redes sociais do médium Wanderley Oliveira, que as organizou para que Pai João, oportunamente, pudesse respondê-las. (NE).

Hilda fechou-se afetivamente tombando nos braços cruéis da mágoa que a lançou no desvalor pessoal intenso e descontrolado.

Laerte aprisionou-se na imaturidade emocional e adotou a autoimagem como trampolim de realização pessoal, secando seu espírito de afeto e congestionando sua cabeça com o delírio da posse.

Irene despertou para suas necessidades por meio da dor e abriu as portas para um aprendizado de amadurecimento. Nela residia o exemplo de alguém que pudesse, enquanto encarnado, transformar a dor do vazio em roteiro seguro e motivador para sua vida.

Experiências e caminhos diversos, mas a mesma doença espiritual. O fruto amargo de nossa velha ilusão no egoísmo, trazendo de retorno as extensas necessidades de afeto.

Veio então em minha mente, de forma clara, a passagem do Filho Pródigo. Peguei minha Bíblia e fui ler em Lucas, capítulo quinze, versículo quatorze: “E, havendo ele gastado tudo, houve naquela terra uma grande fome, e começou a padecer necessidades.”

O filho que largou a casa do Pai é a representação de cada um de nós em nosso afastamento de nossa raiz divina e de nossa essência. Largamos o nosso eixo de equilíbrio para gastar tudo pelo caminho das existências infelizes, esbanjar os bens divinos que deveríamos desenvolver no bem e na luz. Daí o resultado inevitável: o padecimento de necessidades no campo da carência afetiva.

Na sequência da passagem evangélica, no capítulo quinze, versículo dezessete, o apóstolo diz: “E, caindo em si, disse: Quantos trabalhadores de meu Pai têm abundância de pão, e eu aqui pereço de fome!”.

Hoje estamos assim, voltados a nós mesmos, compreendendo a nossa real situação, começando a realizar um trajeto consciencial das nossas necessidades e identificando nossa fome de amor.

Fica claro nessa passagem qual é o sentimento predominante de quem tem fome de amor, do ser que se sente preso, incapaz e distante de usufruí-lo: o sentimento de indignidade, como escreve Lucas, no capítulo quinze, versículo dezenove: “Já não sou digno de ser chamado teu filho; faze-me como um dos teus trabalhadores.”

Além de carentes do alimento divino, sentimo-nos indignos dele ao começar a procurá-lo e desejá-lo. Não bastasse a dor do vazio, experimentamos ainda essa sensação de não merecermos o melhor.

Hanna, Hilda, Laerte e Irene sentiam-se assim. Vazios, desejando resolver suas angústias, todavia com a profunda dor do não merecimento.

Hanna escolheu a ilusão da dependência afetiva e da terceirização de sua felicidade colocando-a como de competência de Raul, padecendo ao mesmo tempo da ideia de não merecer o amor da família.

Hilda acreditou que enfraqueceria com tais sentimentos e, no seu descontrole, achou que não merecia viver.

Laerte enganou a si mesmo tentando se preencher com valores passageiros por não se sentir credor de uma vida alegre e vitalizada pelo afeto.

Irene, descrente de suas escolhas afetivas no casamento, viveu uma loucura passageira por negar agressivamente a ideia de que merecia um amor de verdade.

Só mesmo com muito carinho e acolhimento nós poderíamos tratar tais casos e ajudá-los a traçar os caminhos para que eles se resgatassem. Somente dedicando a eles um amor muito compassivo e terno encontrariam forças para recomeçar seu trajeto de volta ao Pai.

E essa é a postura do Pai na passagem evangélica e também expressa nas leis naturais da vida, narrada no capítulo quinze, versículo vinte: “[...] e, quando ainda estava longe, viu-o seu Pai, e se moveu de íntima compaixão e, correndo, lançou-se-lhe ao pescoço e o beijou.”

Hanna, Hilda, Laerte e Irene estavam longe de conquistar a felicidade. Nosso papel como educadores, em sintonia com a lei universal do amor, é a de nos movermos de íntima compaixão por suas dores, amá-los como são e como estão, sem nada lhes cobrar.

A reflexão em torno da passagem do Filho Pródigo trouxe-me algumas lágrimas, porém, senti-me profundamente renovado nas forças e disposto a responder às perguntas que me foram dirigidas.

Na rede social em que chegaram as perguntas, o médium que as recebeu fez questão de guardar a foto e nome dos entrevistadores.

Passei o olhar sobre os nomes, os temas e as fisionomias e resolvi que as responderia como gosta o povo, como preto-velho, adotando um pouco do estilo e o linguajar das entidades afro-brasileiras que tanto sensibiliza, conforta e alivia as pessoas. A fé das pessoas cria uma ressonância vibratória e um patamar de energias mais amplo quando um preto-velho lhes fala ao coração.

Passei então a respondê-las em clima de intimidade afetiva tratando os meus entrevistadores como filhos amados e

sem qualquer pretensão de dar respostas definitivas, apenas refletir e refletir, nada mais.

Vamos então às respostas para as perguntas:

- Pai João, não consigo ter bons relacionamentos. Será que tenho algum obsessivo que me atrapalha?
- Sim, *muzanfio*! Algumas pessoas são usadas por obsessivos *pra atormentá* e *causá* problemas na sua convivência com os outros.

Mas tome o cuidado de *num* *adotá* a irresponsabilidade na condução de suas relações, como se eles fossem os únicos responsáveis pelo que *vosmecê* faz ou sente em relação a alguém.

A pessoa usada pelos obsessivos *pra atormentá* alguém é totalmente responsável pelo que sente ou faz, venha ou *num* venha de obsessivos. Essa é a verdade.

Pensando assim, fica fácil *concluí* que *num* é justo *responsabilizá* *eles* pelos insucessos de seus relacionamentos. Mude seu foco e procure *sabê* o que há em *vosmecê* que cria barreiras *pras* amizade e *pra* vivência do afeto espontâneo. Ouça as críticas que *te* fazem, pois nelas vai *encontrá* ótimas pistas sobre suas necessidades e condutas na vida.

- Pai, queria saber se vim com algum problema cármico ou espiritual, porque não consigo um bom relacionamento afetivo com ninguém. Será que vim para ficar sozinho?
- Existem pessoas, *muzanfio*, com temperamento compulsivo, repleto de costumes dos quais *num* *qué* abrir mão, como por exemplo, o orgulhoso, o agressivo, o controlador e o ciumento.

Quem possui um temperamento assim *num* precisa de nenhum projeto cármico ou limitação espiritual *pra tê* dificuldade na convivência. Com esse jeito de *sê* a própria pessoa vai *azará* qualquer relação que *aparecê*.

Olhe *pra vosmecê* e *miori* seu íntimo se *qué* pessoas *boa* à sua volta. Existem leis energéticas que comandam esse contexto na vida de todos *nóis* e *tão* acima de qualquer planejamento reencarnatório que *temos* feito no mundo espiritual.

- Pai João, querido, será que vou casar?
- *Fiinha* de Deus, melhor do que *casá* é *sê* feliz. Por que a *fia* tem tanta necessidade de *sabê* se vai *casá*? Medo de *ficá* só? Vontade de *tê* *fios*? *Pra num* sofrer na condição de *sorterona*? Ou *pruquê* *qué* *saí* da casa dos pais?

Podi sê tanto os motivo, num é, fia? O que os *fios* na Terra mais *precisa* é *pensá* *pruquê* querem as coisas. Descobrir por que acham que tem de *casá* e *entendê* qual o objetivo de um casamento.

Ao *fazê* essa reflexão é possível *encontrá* razões que façam *vosmecês* se sentir frágeis, pequenos e talvez *inté senti* vergonha dos *motivo* que *levô* *vosmecê* a desejar o casamento.

Poucas pessoas *qué* *casá* única e exclusivamente *pra avançá* nas experiências do amor na jornada da vida. *Casá* por obrigação social pode *sê* o comum.

Quem pensa seriamente no que *qué* a respeito do ato sagrado de *casá* pode *chegá* a conclusões muito importantes, e algumas delas podem até lhes *fazê* desistir dessa intenção.

Pense nisso *fia* e não se vai se *casá* ou não no futuro.

- Preto-Velho, conheci uma pessoa que mexeu muito comigo, isso é um reencontro?
- Pode *sê* que sim, *muzanfio*. Mas mesmo que seja, fique sabendo que reencontrar alguém *num* é sinônimo de que as coisas vão dar certo ou de que isso foi planejado no mundo espiritual *pra acontecê*.

Algumas pessoas afirmam: “ela é minha alma gêmea”, “ela é a mulher dos meus sonhos”, “tivemos uma atração tão forte que tenho certeza de que foi um reencontro de outras vidas”. Essas frases expressam aquele momento de paixão instantânea na qual, de fato, muitos de *vosmecês* podem *está* reatando velhos laços de outras vidas. O que pouca gente sabe é que esse “doce encantamento”, termo usado por Emmanuel, no livro *Vida e sexo*, é resultado de um laço afetivo profundo que pode ter sido construído no amor e na dor.

No primeiro momento dessa atração tão forte o que prevalece são os sonhos e aspirações de amor, a atração sexual e as energias da alma que indicam inconscientemente que naquela relação existe algo importante ao crescimento e avanço de *vosmecês*.

Todavia, no conjunto dessas forças gostosas e quase irresistíveis que conduzem à entrega afetiva *está* também a força de atração dos sombrios de cada um. Já pensou se *o fio* se apaixonou por alguém que ainda vive sob o impacto das dores e decepções de outras vidas? Aquele lado emocional pendente entre ambos só vai se *expressá* com o tempo.

Assim, no início, aquilo que em *vosmecê* parecia serenidade passa a *sê* visto como acomodação, preguiça

e falta de expediente. Aquilo que nela parecia garra e coragem passa a *sê* visto como cobrança, competição e humilhação.

Uma importante correlação precisa *sê* feita: atração *num* existe apenas para a parte boa dos *muzanfios*. É com base nessa mesma atração do início dos relacionamentos que vamos ao encontro de *véios* compromissos, com aprendizados que temos a *realizá* individualmente. Existe também a atração para os sombrios de cada um.

O reencontro é isso, o compromisso que assumimos a respeito daquilo que vamos *aprendê* uns com os outros na convivência diária.

Lá no *Livro dos espíritos* deixa isso claro quando os amigos do plano maior nos dizem que quando dois *fios* se conhecem e se estimam, pode *sê* que estejam atraídos um para o outro *por causa de que*, em outras vidas, tiveram ligações fundadas em sincera e legítima afeição e que *num* é por acaso que *muzanfios* se buscam por entre a multidão.

- Querido preto-velho do meu coração, a sua bênção! Queria saber se meu marido, morto há algum tempo, está dentro de nossa casa. Têm acontecido muitas coisas estranhas por aqui.
- Que *lorvado seja* nossu *sinhô Jesum Cristo, muzanfia!*

Fiinha, muitas pessoas *tão* deixando o corpo físico, mas *num* *tão* deixando a vida material, se desapegando.

Não seria exagero dizer que de dez desencarnes, seis deles configuram quadros no qual o espírito mantém laços

de muito apego com alguma situação no mundo material, incluindo seu próprio lar.

Em alguns desses casos, quando conseguimos intervir no processo, o espírito é afastado do ambiente e orientado a aceitar e a buscar os interesses da vida espiritual. Sempre que isso acontece, todo o grupo familiar encarado tem uma melhora de vida.

Os casos mais prováveis de acontecer esse quadro de apego à vida terrena são aqueles nos quais, antes mesmo da morte do *fio*, as relações entre ele e a *família* era embasada no ciúme, na ambição e na inveja, sentimentos esses que podem abrir as portas para a perversidade.

Fia, faça orações ou peça ajuda de tarefeiros de sua religião *pra* implantarem o culto do *evangelio* em seu lar, e busquem estudar mais os princípios espíritas *pra* esclarecimento. Essa iniciativa, além de proteger vossa casa, vai trazer mais paz e alegria a todos.

- Porque só escolho homens agressivos e mentirosos, Pai João de Angola?
- *Fiinha*, isso só acontece quando temos as mesmas dificuldades que percebemos nos outros.

Faça uma análise sincera e vai *percebê* que a *fia* maltrata a si mesma com agressividade e mentira.

O perfeccionismo, a doença de querer ser perfeito, é uma fonte geradora de cobranças intermináveis. É um chicote que usamos contra *nóis* mesmos. As cobranças, quando percorrem o caminho da rigidez, são verdadeiras agressões aos limites e às forças. Exigir mais do que se suporta é agredir, é formar um piso vibratório *pra*

atrair pessoas com o mesmo nível de energias de cólera e agressão.

Já a mentira parece ser uma das mais antigas imperfeições da nossa humanidade. Todos mentimos *pra nós* mesmos. A estrada do aprimoramento humano consiste exatamente em resgatar nossa autenticidade, nossa verdade pessoal. Como ainda *num* conseguimos um nível de realidade a respeito de nossa individualidade, vamos atrair *pra* perto de *nóis* o lado menos verdadeiro de quem nos cerca.

- Ei, Pai João, meu nome é Jeane. Queria saber se macumba pega?
- Que *Jesum Cristo proteja vosmecê fia de Deus*. Macumba pega sim, *fia*. Pega em quem descuida de sua proteção e faz por onde *merecê*. Tudo obedece as leis naturais.

Se a *finha* *qué* o mal de alguém ou *num* gosta de alguma pessoa e deseja maus sentimentos *pra* ela, está abrindo a porta do seu coração *pra* entrar energias semelhantes.

Se a *finha* busca todo o bem e amor possível que pode *fazê*, então as portas são fechadas *pro* mal que vem de fora.

Esses são os princípios básicos *pra* que uma macumba funcione ou não. Outros fatores e condições dependem do compromisso individual com a lei de causa e efeito, a habilidade do executor da magia e da condição momentânea da vida de quem é o alvo.

A melhor proteção contra a inveja, o mau-olhado e a macumba de *pemba* é a couraça do amor. Amor ao próximo, à vida e, sobretudo, a si mesmo. Quem

se ama, aliás, veste um manto de proteção dos mais valorosos.

- Pai João, o que aconteceu com minha vida que travou tudo e está muito difícil continuar? Por que para mim tudo é muito difícil?
- *Muzanfio* querido, que Oxalá *te* proteja os caminhos!

A vida tem o nosso ritmo, *nóis* é quem *damo* a ela um sentido.

Vamo falá de *vosmecê, fio*. Existem muitas pessoas que, ao alcançarem suas metas de vida, gastam tanta energia e se consomem tanto, focados no usufruto daquilo que alcançaram, que esquecem que a vida prossegue em contínuo aprendizado e, quando despertam do sono da acomodação, percebem que pararam. Pararam sua vida para *usufruí* apenas, sem nada mais fazer.

A vida, *muzanfio*, é movimento. Quem estaciona para celebrar em excesso, quando percebe, usou tempo demais *pra* si mesmo.

Pense nisso. Quem sabe pode ser útil *pro fio* querido.

- Pai João, estou no terceiro casamento e parece que vou ficar sozinha de novo. Será que esses fracassos estavam planejados? Será que tenho uma obsessão?
- *Fia* de Deus, nem tudo é planejado. Aliás, a maior parte dos acontecimentos *num* são previamente planejados. Acontecem em função das escolhas que fazemos e também da viabilidade natural de que aconteçam.

Há nesse assunto um claro exagero quando se enfocam as questões do destino e da programação espiritual.

São muitos os *muzanfios* que escutam frases assim: “esse seu comportamento acontece por conta da influência negativa dos espíritos”, “você está ao lado dessa pessoa difícil por carma de outras vidas, suporte até o fim”, “você fez essa coisa errada *pruquê* está em obsessão”, “essa doença te persegue *pruquê* você fez muito mal a alguém em outra encarnação”, enfim, tantas outras falas.

São frases sem amorosidade, sem fraternidade e sem nenhuma proposta educativa. Deixam uma sensação de que nada poderia ou deveria *sê* feito *pra mudá* o rumo dos acontecimentos.

Frases contrárias a qualquer orientação sadia e terapêutica, que podem incentivar a omissão, a submissão e a irresponsabilidade na convivência e até mesmo alguma tragédia. E por que essas orientações continuam? Por orgulho e acomodação. Orgulho de *achá* que, com princípios espíritas ou espiritualistas, pode explicar tudo de errado que acontece, e acomodação em supor que tudo na vida só pode *sê* explicado como carma e obsessão, como se *num* houvesse conseqüências de nossas ações.

Espero que essas considerações possam ajudar a *finha* a entender sobre essas formas de pensar a vida. Existe um leque de sabedoria capaz de explicar as necessidades e dores humanas além de obsessão e carma.

- Pai João, minha família não para de brigar. Isso foi programado no mundo espiritual? É carma?
- *Num* existe *famía* programada *pra* se atracar, *fio* de Deus! Existe *famía* programada *pra* aprender junto. Com certeza a agressão é o excesso, é o que vai além

daquilo que foi programado em nossa reencarnação. Agressão é escolha e não planejamento.

Você pode *planejá* vir em uma família difícil, isso sim é planejamento. Carma é o que você tem de *vencê* dentro de você nesse contexto planejado, que habilidades vai *desenvolvê pra convivê* melhor nessa *famía*. A agressão *num* faz parte do plano, mas do descuido e da escolha. É fruto dos conflitos íntimos.

O *fio* reflita na questão 259 de *O livro dos espíritos*:

“Do fato de pertencer ao Espírito a escolha do gênero de provas que deva sofrer, seguir-se-á que todas as tribulações que experimentamos na vida nós as previmos e buscamos?”

Todas, não, porque não escolheste e previstes tudo o que vos sucede no mundo, até às mínimas coisas. Escolheste apenas o gênero das provações. As particularidades correm por conta da posição em que vos achais; são, muitas vezes, consequências das vossas próprias ações. Escolhendo, por exemplo, nascer entre malfeitores, sabia o Espírito a que arrastamentos se expunha; ignorava, porém, quais os atos que viria a praticar. Esses atos resultam do exercício da sua vontade, ou do seu livre-arbítrio. Sabe o Espírito que, escolhendo tal caminho, terá que sustentar lutas de determinada espécie; sabe, portanto, de que natureza serão as vicissitudes que se lhe depararão, mas ignora se se verificará este ou aquele êxito.”

- Pai João, sou espírita e não consigo mudar meus filhos. Sinto-me perdida e fracassada. O que fazer?
- Oh *fia!* *Num* fica assim não!

Tem uma frustração que *tá* se tornando rotineira a quem desencarna orientado pelos princípios abençoados do Espiritismo. É o fato de *chegá* do lado de cá com um profundo sentimento de culpa por *num* ter alcançado o objetivo de salvar ou mudar alguém, considerando-se sem êxito na reencarnação, esquecidos de que esse objetivo está deslocado do verdadeiro, que é salvar e mudar a si mesmo. Ninguém, *finha*, reencarna para mudar o outro e sim a si mesmo.

Quando se fala em responsabilidade com filhos à luz dos projetos reencarnatórios é necessário considerar que essa responsabilidade é limitada. Ela se restringe a orientar e não a se sentir responsável pelas escolhas de quem foi orientado, no caso dos *fios*.

É uma ilusão achar que podemos mudar alguém. *Num* temo essa capacidade. Podemos *cooperá, incentivá, apoiá*, mas mudança, esforço pessoal e os sentimentos alheios ficam a cargo de cada pessoa.

Veja essa sublime reflexão que *tá* em *O livro dos espíritos*, questão 583:

“São responsáveis os pais pelo transviamento de um filho que envereda pelo caminho do mal, apesar dos cuidados que lhe dispensaram?”

Não; porém, quanto piores forem as propensões do filho, tanto mais pesada é a

tarefa e tanto maior o mérito dos pais, se conseguirem desviá-lo do mau caminho.”

O merecimento dos pais está no esforço. A escolha de se *desviá* do mal é dos *muzanfios*.

Quanto ao fato da *finha* ser espírita isso apenas lhe oferece melhores remédios na cura de suas próprias doenças e na amenização de suas dores perante a vontade de acertar com seus entes queridos.

Muzanfios que são pai ou mãe desliguem-se dessa culpa de *achá* que são responsáveis pelas más escolhas de seus *fios*. Se *vosmecê* deu seu melhor, *num* carregue sobre os ombros a culpa dos fracassos e deslizes pelos quais eles optaram. Isso não é amor. A culpa, necessariamente, não é um sinal indicador de erros e sim de que *vosmecê* precisa *revê* crenças e princípios que orientam sua vida em relação a essas pessoas que ama.

A vida coloca um limite, mesmo entre pessoas que se amam. As más escolhas dos *fios num* são de responsabilidade dos pais e sim deles. Como pais *muzanfios só* vão *podê fazê* algo por isso até certo ponto, depois o assunto pertence a eles. Porém, se *vosmecês ficá* muito disponível e *quisé passá* a limpo a vida de seus *fios*, eles *num* vão crescer e aprender.

Entendam a diferença. Pais que amam continuam sempre com responsabilidades com seus filhos, mas *num* são responsáveis por suas escolhas.

Apoiem e incentivem, mas oriente os *fio* para que eles percebam que quem responderá pelas consequências das escolhas são eles próprios.

— Pai João de Angola, qual é a minha missão aqui na Terra?

- Todos temos uma missão na nossa reencarnação, *muzanfio*. Para o cumprimento dessa missão foi feito previamente um planejamento.

A maioria dos reencarnantes, por ausência de consciência e valores morais nobres, *num* participa ativamente desse planejamento. Há, porém, meu *fio*, um avalista do projeto. Quase sempre esse avalista é também o guia espiritual, embora isso *num* seja regra geral. É sempre conosco a maior missão de nossas vidas. Mesmo que haja compromissos cármicos de aprendizado com pessoas de nossas relações, antes de tudo, voltamos a reencarnar *pra* recuperar e iluminar o nosso próprio caminho *muzanfio*.

Pense nisso, a fim de *num* se *iludí* com a velha doença que nos faz supor que viemos aqui na Terra *pra* salvar alguém que *num* seja *nóis mesmos*.

A missão de espíritos puros ou elevados é diferente, viu *fio*? Estes costumam ter âmbitos mais coletivos e abrangentes, com comunidades ou até países e que podem mudar os rumos de muitos *fios*. Entretanto, para a maioria de *nóis*, a missão principal se resume em *resolvê* nossas lutas pessoais, em salvar a única pessoa que podemos salvar: *nóis mesmo*.

Para que o espírito alcance essa missão, é feito um planejamento no mundo espiritual junto a familiares, parentes e membros da sociedade. Também pode *tê* planejamento para erguer obras ou realizar atividades que atinjam um número maior de pessoas, mas, esse planejamento *num* é a missão, é o caminho para cumpri-la.

Formar *família*, educar os *filhos*, *casar*, *fundar* creches, *escrever* livros mediúnicos, *fazer* palestras, *manter* obras assistenciais, *colaborar* em projetos, *formar* em uma profissão, e outras formas de atuação social, são caminhos e não missão. Tudo isso vai *passar* e só vai *ficar* o que estiver dentro de *nós*, o que foi conquistado nessas vivências.

Nossa missão é *saí* da reencarnação melhor do que entramos, resolvendo nossos conflitos internos, aprendendo a viver uma vida com mais alegria e amor, e ser um exemplo de retidão *para* o bem de todos os *filhos* que Deus *colocou* em nosso caminho.

Temos uma missão com a gente e com os outros, temos a oportunidade de ser úteis na missão que a eles pertence. Se *dê para fazer* isso *fião*, *tá bom demais!*

- Preto-velho, querido, não consigo perdoar uma pessoa com a qual convivo diariamente. Ajude-me a entender isso.
- Oh *fia*, asserena sua alma. Perdoar, necessariamente, *num* implica em *reatar* relações como se nada tivesse acontecido. Perdão nem sempre significa *resgatar* a relação com o ofensor.

Antes de tudo, *perdoar* é você *resolver* a dor emocional da ofensa e isso só se consegue quando *vosmecê* entende qual a sua parcela de responsabilidade *para* *tê* acontecido o que aconteceu entre *muzanfã* e o seu ofensor.

O perdão é elaborado no campo do sentimento e, em muitos casos, quanto ao ofensor, *num* há o que fazer a *num* *sê conseguiu estruturar* um sentimento de respeito por ele, e *manter* *ele* distante de sua convivência. Em outros casos, pode até *sê* que uma nova e mais

cuidadosa relação possa sê iniciada. Cada história é uma história.

Num se assuste com isso não, viu, *muzanfia* querida. Essa versão do perdão *num* é minha, é do Cristo, mas, infelizmente, não é ainda suficientemente divulgada e examinada nos ensinos de Jesus.

FICHA TÉCNICA

TÍTULO

Abraço de Pai João

AUTORIA

Espírito Pai João de Angola
Psicografia de Wanderley Oliveira

EDIÇÃO

1ª

EDITORIA

Dufaux (Belo Horizonte MG)

ISBN

978-85-63365-61-3

CAPA

Tiago Macedo

PROJETO GRÁFICO

Priscilla Andrade e Tiago Macedo

DIAGRAMAÇÃO

Priscilla Andrade

REVISÃO DA DIAGRAMAÇÃO

Nilma Helena

REVISÃO ORTOGRÁFICA

Sandra Schamas e Débora Donadel

COORDENAÇÃO E PREPARAÇÃO DE ORIGINALS

Maria José da Costa e
Nilma Helena

COMPOSIÇÃO

Adobe Indesign, plataforma
Windows

PÁGINAS

224

TAMANHO DO MIOLO

16x23
Capa 16x23 com orelhas de 9cm

TIPOGRAFIA

Texto principal: Georgia 12pt
Título: Depot 22pt
Notas de rodapé: Georgia 10pt

MARGENS

22 mm: 25 mm: 28 mm: 22 mm
(superior:inferior:interna;ex-
terna)

PAPEL

Miolo offset 90g/m²
Capa Suzano Supremo 250g/m²

CORES

Miolo 2 x2 cores Pantone 367c
Capa em 4x0 cores CMYK

IMPRESSÃO

Gráfica Vida & Consciência

ACABAMENTO

Miolo: Brochura, cadernos de 32
páginas, costurados e colados.
Capa: Laminação Fosca

TIRAGEM

10 mil exemplares

PRODUÇÃO

fevereiro/2015